

## **Fique Antenado e Segure essa Onda: Práticas Cidadãs em Radioescolas de Fortaleza<sup>1</sup>**

Tarciana CAMPOS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, CE

Alexandre BARBALHO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, CE e Universidade Estadual do Ceará  
(UECE), Ceará, CE

### **RESUMO**

Este artigo analisa as experiências e práticas juvenis nos processos de produção, circulação de conteúdos e gestão de radioescolas envolvidas no projeto “Rádio-escola pela Educação” em quatro escolas da rede pública de Fortaleza. A questão que norteou a análise foi em que medida essas produções radiofônicas constituem exercícios para a cidadania? Pensando nesses jovens como minorias em busca de agenciar e produzir “interferências comunicacionais”, mobilizando afetos e fazeres, a pesquisa investigou as possibilidades e limitações das radioescolas de se constituírem em espaços conquistados pelos estudantes para falarem de si e serem ouvidos. Para o levantamento dos dados empíricos, recorremos a entrevistas com jovens, professores e gestores das escolas, rodas de conversa e de escuta com os estudantes e a elaboração de diário de campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** juventude; cidadania; comunicação; radioescola.

### **Introdução**

O objetivo desse artigo é analisar as experiências e práticas juvenis nos processos de produção, circulação de conteúdos e gestão de radioescolas envolvidas no projeto “Rádio-escola pela Educação” em quatro escolas da rede pública de Fortaleza<sup>4</sup>. A questão que norteou a análise foi em que medida essas produções radiofônicas constituem exercícios para a cidadania?

Entendemos que para as minorias, nas quais podemos incluir os jovens, a cidadania tem como um de seus principais suportes o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim elas podem dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria (BARBALHO, 2005). Como observa Angela Prysthon, há que se verificar “como os jovens, além de consumirem produtos midiáticos, tornam-se agentes e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, email: [tarcianacampos@hotmail.com](mailto:tarcianacampos@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professor dos PPGs em Políticas Públicas da UECE e em Comunicação da UFC, email: [alexandreameidabarbalho@gmail.com](mailto:alexandreameidabarbalho@gmail.com).

<sup>4</sup> Para uma análise mais ampla do projeto “Rádio-escola pela Educação” ver CAMPOS (2011).

produtores de interferências comunicacionais capazes de influir sobre hábitos e formas de percepção da cidade” (PRYSTHON, 2005, p. 99).

Néstor García Canclini, por sua vez, chama atenção sobre a necessidade de “valorizar algumas ações aparentemente despolitizadas ou de baixa eficácia política imediata, frequentes nas culturas juvenis” (CANCLINI, 2007, p. 221). Tal valoração é possível na medida em que se identifica sua dimensão afetiva, que envolve solidariedade e coesão grupal, tornando visível um sentido político das ações que reivindicam legitimar ou expressar identidades e determinados modos de vida.

Rossana Reguillo (2000) defende que ao serem indagados sobre formas de participação ou de pertencimento cidadão, as concepções dos jovens são formuladas no âmbito do fazer. Assim, estudar, tocar em uma banda, cantar e dançar em um grupo de *hip-hop*, fazer parte de jornais ou rádios escolares são reconhecidos como formas de ser cidadão. Daí que para a autora as práticas são lugares privilegiados para a análise da participação juvenil.

Portanto, pensando nesses jovens como minorias em busca de agenciar e produzir “interferências comunicacionais”, mobilizando afetos e fazeres, a pesquisa investigou as possibilidades e limitações das radioescolas de se constituírem em espaços conquistados pelos estudantes para falarem de si e serem ouvidos. Para o levantamento dos dados empíricos, recorreremos a entrevistas com jovens, professores e gestores das escolas, rodas de conversa e de escuta com os estudantes e a elaboração de diário de campo<sup>5</sup>. As escolas não estão nomeadas e os estudantes, sujeitos da pesquisa, tiveram seus nomes trocados por personagens da obra de Lygia Fagundes Telles, como forma de preservar suas identidades. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará.

### **Fique Antenado e Segure essa Onda**

Denise Cogo descreve um novo cenário que marca mudanças tanto nas articulações em torno do rádio comunitário como no fortalecimento da organização de movimentos sociais. Conforme a autora, “hoje novas emissoras [comunitárias] se desenvolvem sob a gestão de grupos de jovens, mulheres, cooperativas, organizações não-governamentais e até de governos locais (COGO, 1998, p. 92). Para Catarina Oliveira, essas

---

<sup>5</sup> Para maiores detalhes do percurso metodológico utilizado na pesquisa ver BARBALHO; CAMPOS (2012).

práticas “serviram de modelo para repensarmos a concretização de propostas comunicativas voltadas para a educação e para a mobilização popular” (OLIVEIRA et al, 2005, p. 7).

Patrícia Alves e Eliany Machado (2006), por sua vez, identificam três dimensões quando se trata de inserir recursos da comunicação e da informação no ambiente educativo: 1. a utilização dos recursos como instrumentos didáticos (tecnologias educativas); 2. como objetos de análise, a partir, por exemplo, de atividades de leitura crítica dos meios; 3. meios de expressão e de produção de práticas culturais. É nessa terceira dimensão que as autoras enfatizam o potencial desses processos de inserção.

Nesse sentido, percebemos a articulação de professores, estudantes, ONGs e governos em torno não só de rádios comunitárias, mas também de radioescolas. No nosso caso, tal articulação será observada por meio da ONG Catavento, sediada em Fortaleza, que desenvolve desde 2003 o projeto “Segura Essa Onda: Rádio-escola na Gestão Sociocultural da Aprendizagem” tanto em cidades do interior do Ceará como em Fortaleza<sup>6</sup>.

A operacionalização do “Segura Essa Onda” consiste na mediação de oficinas por uma equipe constituída por profissionais e estagiários das áreas de comunicação e pedagogia. As oficinas duram, em média, nove meses, nas quais são discutidos conteúdos mais gerais, tais como comunicação como expressão humana e análise crítica dos meios de comunicação, além de temas mais específicos referentes às técnicas radiofônicas. As últimas oficinas se destinam a discussões sobre a gestão da radioescola no cotidiano escolar e da comunidade.

Em 2007, a Catavento estabeleceu uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Fortaleza, no sentido de potencializar as ações envolvendo comunicação e educação. Daí resultou o projeto que complementa o “Segura Essa Onda” nas escolas, o “Rádio-escola pela Educação”, que inicia as atividades em 2008. O objetivo era produzir programas de rádio sobre os temas transversais da educação com grupos de estudantes e educadores em quatro escolas da rede pública de Fortaleza.

A primeira atividade do “Rádio-escola pela Educação” foi a apresentação do projeto a grupos de estudantes e professores mais ligados às radioescolas. Em uma dessas reuniões, os estudantes discutiram o nome do programa de rádio que seria produzido. Entre os nomes sugeridos, o mais votado pelo grupo foi *Antenados*. O espaço de veiculação do programa foi articulado pela Catavento com a Rádio Universitária FM, vinculada a Universidade Federal do Ceará, e passou a ser transmitido às 13h30 dos sábados.

---

<sup>6</sup>Disponível em: <[www.seguraessaonda.org.br](http://www.seguraessaonda.org.br)>. Acesso em: 8 ago. 2010.

Essas experiências nos levam a discutir sobre o atual momento da democracia brasileira, acompanhando Maria Célia Paoli e Vera Telles (2000), que abordam a necessidade de construção de um campo democrático de conflitos, formado por arenas públicas onde atuam movimentos que levam para o debate reivindicações não só materiais, mas também simbólicas. Tais arenas públicas para a negociação dos conflitos são formadas pela articulação dos movimentos com as mais diversas associações, tais como ONGs, igrejas, assessorias, associações de moradores, sindicatos, escolas e universidades.

Nesse cenário, Paoli e Telles (2000) citam a temática da defesa dos direitos de crianças e adolescentes que fazem das ruas seu espaço de moradia e apontam que várias das ações voltadas para o atendimento deste público limitam-se à tutela e/ou à repressão. Da mesma forma, alguns projetos voltados para os jovens seguem lógica semelhante. Assim, o fortalecimento de processos democráticos, que ampliem os espaços de visibilidade dos conflitos e negociações, como as radioescolas, são fundamentais para garantir a participação dos jovens e criar alternativas à polaridade tutela-repressão.

Evelina Dagnino chama a atenção para a urgência de se tornarem cada vez mais conhecidos dos sujeitos os espaços de discussão, negociação e deliberação de que dispõem: “Quanto mais diversificado o público incluído nesses espaços, argumentando, negociando, pactuando, legitimando reciprocamente a si e aos interesses demandados, maior o seu grau de publicidade e maiores as possibilidades de avanço democrático potenciais neste processo [...]” (DAGNINO, 2001, p. 90).

Voltando para o objeto de estudo deste artigo, indagamos como, diante dos objetivos determinados pela ONG e pela Prefeitura, os estudantes vivenciaram experiências e práticas relacionadas aos processos de produção e circulação de conteúdos, bem como à gestão da radioescola? Que fatores motivaram a atuação dos estudantes tanto nas radioescolas como na produção do programa *Antenados*? A releitura que os jovens fizeram do projeto nos permite conhecer uma concepção de cidadania relacionada ao modo como se apropriam e atuam nas radioescolas. São essas percepções que apresentaremos nos tópicos seguintes.

Como forma de compreendermos alguns dos conflitos e estratégias de negociação, destacamos três processos de mediações nas radioescolas: os com intervenção de professoras; os com atuação predominante de estudantes; e os mediados pela ONG Catavento. Essas mediações estão em permanente relação, de modo que é por um caráter didático que analisamos de forma distinta cada uma das ênfases observadas.

### Processos Marcados pela Mediação de Professoras

Chegamos à escola com o objetivo de observar o funcionamento cotidiano da radioescola, passados dois anos da instalação dos equipamentos e das oficinas promovidas pelo projeto “Segura essa Onda”. Percebemos que duas professoras eram as principais responsáveis pelas atividades. Além de programas desenvolvidos de acordo com propostas pedagógicas determinadas, a radioescola contava com dois programas fixos, chamados *Fique por dentro* e *Te dou um blá*. Uma parte desses programas era apresentada ao vivo, ou seja, com microfones em mãos, os estudantes falavam a partir da leitura de roteiros dentro da sala da radioescola durante o recreio. Outra parte dos programas era gravada para ser veiculada na hora da entrada ou durante o recreio, além de estar disponível na internet<sup>7</sup>.

Ao entrarmos na “sala da rádio”, encontramos uma ex-aluna da escola e uma das professoras fazendo os últimos ajustes no roteiro que iria ao ar. Tratava-se do programa *Fique por dentro*. A professora havia entrado em contato com a ex-aluna, que havia feito parte da radioescola, para pedir ajuda na elaboração do roteiro. Sua colaboração consistiu em orientar os demais na escrita do roteiro, receber a produção de notícias e articular todo o texto final.

O programa foi ao ar na semana seguinte. Além da professora e da ex-aluna, participaram da produção três estudantes da escola. O tema escolhido foi o terremoto no Haiti, pauta que vinha sendo amplamente abordada pelos meios de comunicação. Nessa visita à radioescola, obtivemos seis roteiros do programa *Fique por dentro*, apresentados em 2009 e 2010. A análise dos roteiros, bem como as conversas com as professoras que coordenam as atividades da radioescola nos permitiram observar alguns aspectos.

Primeiro, o acompanhamento das professoras potencializa o funcionamento da radioescola, impedindo que ocorra uma grande descontinuidade da programação. Constatamos que entre as radioescolas visitadas essa era uma das mais dinâmicas. Para manter o funcionamento da rádio em 2009 e 2010, as duas professoras chegaram a articular a participação de cerca de cinco estudantes em cada produção radiofônica. Segundo, por meio da participação na radioescola, mesmo mediada pelos professores, os estudantes adquirem maior visibilidade junto à comunidade escolar, entendida esta não apenas como o

---

7 A escola disponibiliza os relatos das atividades da radioescola e programas produzidos no blog <<http://radioescolanhfuturo.blogspot.com/>>.

conjunto de docentes, alunos e funcionários, mas também dos pais e moradores vizinhos da escola.

Sabemos que a necessidade e a exigência de reconhecimento são características da política atual – tanto em uma perspectiva liberal (TOURAINÉ, 2006), quanto na lógica comunitarista (TAYLOR, 1998) – e bases da tensão entre liberdade e igualdade que promove a radicalização da democracia (MOUFFE, 1996; 2001; 2009). Especificamente em relação aos jovens que vivem em periferias das cidades, Deisimer Gorczewski destaca que os desejos de reconhecimento estão relacionados à tentativa de “intervir, inventar e publicizar outros mundos, outras visibilidades distintas das instituídas a eles e ao bairro, expressando posturas críticas às lógicas e políticas sociais e midiáticas predominantes na sociedade contemporânea” (GORCZEWSKI, 2007, p. 150). Com esse intuito, estratégias e práticas são adotadas pelos jovens, mesmo que marcadas pela efemeridade. Além disso, segundo a autora, para os jovens, a ideia de visibilidade é entendida como realidade compartilhada com o outro.

Observando os jovens na radioescola e os que passam pelos corredores, pedem uma música ou, simplesmente, param e escutam, verificamos essa visibilidade como compartilhamento. É o que revelam também os relatos de Pedro e Max nas rodas de conversa:

- Você ver o seu trabalho sendo divulgado é muito massa. Porque você tem o trabalho de fazer entrevista, escrever roteiro e às vezes quebrar a cabeça demais. Porque às vezes a gente quebra muito a cabeça. A gente faz o roteiro, aí uma hora a gente acha que não está bom, depois tem que fazer de novo (...) sabe? E a gente vê que deu tanto trabalho e sai na rádio... E nossos pais ficarem ouvindo... É uma sensação boa, ótima.
- Os programas que iam para a Rádio Universitária davam mais empolgação. Todo mundo vai me escutar, a capital toda, todo mundo vai me ouvir da minha família. Por isso eu me esforcei mais (Depoimentos de Roda de Conversa, 2010).

No entanto, alguns aspectos precisam ser questionados. Com relação à radioescola, a atuação das professoras vai além da articulação da participação de estudantes, envolvendo também a escrita de partes dos roteiros e a escolha de músicas, bem como a definição dos temas dos programas. Observamos que as demandas de cunho pedagógico da própria escola são expressivas forças orientadoras dos temas discutidos na rádio.

Diante de conteúdos que expressam marcas pedagógicas tão fortes, analisamos que os processos de produção da rádio, mesmo que desenvolvidos coletivamente entre duas professoras e estudantes, podem restringir formas de participação. Daí que os conteúdos, as

expressões, os discursos e as músicas são frutos muito mais de processos de pesquisa entre os produtores que de processos de discussão mais ampla também entre os que não fazem parte da radioescola.

No que se refere à gestão, percebemos que também esta é marcada pela forte influência das professoras no espaço da radioescola. Dessa forma, a abertura e o fechamento da sala da rádio são constantemente acompanhados pelas duas professoras. Tal acompanhamento objetiva controlar quem entra e sai da sala, mas também visa à conservação dos equipamentos de som e do computador da rádio. Observamos ainda que aos estudantes-produtores é permitida a permanência na radioescola.

Se os processos descritos evidenciam a orientação e a influência de professores no cotidiano da radioescola observada, que fatores caracterizariam uma outra radioescola, cujo funcionamento é efetivado predominantemente por estudantes? É o que analisaremos a seguir.

### **Processos Marcados pela Mediação de Estudantes e o Afastamento do Corpo Docente**

Em visita a outra escola, no dia 29 de janeiro de 2010, acompanhamos, no momento do toque para o recreio, dois garotos saírem apressadamente das salas de aula em direção à radioescola. Ao entrarmos na sala, observamos os dois prepararem-se para colocar no ar uma programação descrita em um quadro branco. Nesse dia, a programação previa “músicas românticas e frases”.

Identificamos nas ações da direção estímulos que permitem que os estudantes desempenhem a gestão da estrutura. Dessa forma, a chave é acessível ao grupo produtor, o que confere intenso movimento na sala. Além disso, a programação foi pensada pelos estudantes e registrada na lousa. Porém, também identificamos falas que apontam a vigilância, o controle e a autoridade permanentes. Nesse sentido, a direção nos relatou que “por questões de mau comportamento de estudantes, a rádio passou dez dias lacrada”. Em relação às cornetas localizadas no pátio central e corredor, o seguinte relato nos chamou a atenção: “É preciso policiar o volume” (Entrevista com o corpo gestor da escola, 2010).

É nesse contexto complexo, que mescla amizade, parceria, vigilância e censura, que um grupo de cinco estudantes, quatro meninos e uma menina, passou a se envolver profundamente com a radioescola. Conforme relatos, há dias em que permanecem na sala da rádio de manhã, de tarde e de noite. Com desenvoltura, esse grupo opera os



equipamentos, manuseia o computador, direciona os sons tanto para o interior da sala como para o exterior.

Esses estudantes aproveitam a hora do recreio e outros horários em que estão fora das salas de aula para ir para a rádio e desenvolver produções. Essa dinâmica marca um intenso movimento na radioescola durante a semana e aos sábados. O objetivo é colocar em prática uma programação mensal registrada pelo próprio grupo em um quadro branco dentro da radioescola.

Diante desse engajamento, acompanhamos certa apreensão dos estudantes, uma vez que vivenciavam o último ano nessa escola e não sabiam como a rádio permaneceria funcionando. O corpo diretor e docente pensou na estratégia de formar uma parceria com o grupo que faz parte do jornal escolar, também promovido por uma ONG. Dessa forma, os estudantes que produzem o jornal impresso também fariam parte da rádio.

Porém, durante nossas visitas à escola, não acompanhamos esse processo de ampliação do grupo. Avaliamos esse fator como um indicativo de que o corpo gestor enfrenta dificuldades em efetivar as ideias para o acompanhamento mais próximo dos estudantes-produtores e para a continuidade da radioescola.

Podemos constatar, então, fatores distintos entre esse processo com ênfase no afastamento do corpo docente e o processo anteriormente analisado, que destaca o acompanhamento de professoras. Se com o acompanhamento das professoras, os principais usos que os estudantes faziam da radioescola voltavam-se para a produção radiofônica de cunho prioritariamente informativo, com o afastamento do corpo docente, os usos da radioescola diversificaram-se. Neste processo, um fator distintivo consiste na não exclusividade dos usos da rádio para fins de produção. O computador, por exemplo, tanto era ferramenta para o acesso às músicas para a programação radiofônica como era utilizado para o acesso a sítios na internet de escolha dos estudantes. A maior autonomia dos estudantes dentro da rádio resultava numa programação majoritariamente musical, sem a realização de reuniões de pauta nem a produção de roteiros.

Na última visita a essa escola, talvez influenciados por nossa observação e acompanhamento, os estudantes decidiram veicular durante o recreio um dos programas *Antenados* produzidos por eles, em parceria com a ONG Catavento, em vez de apenas músicas. Saímos da sala da rádio para observar o corredor onde estavam os demais estudantes. Verificamos que alguns brincavam, gritavam, corriam e outros se sentavam no chão, aparentemente escutando o som que circulava. Uma nova professora estava sendo



apresentada à escola e passou por nós comentando com a coordenadora que a iniciativa trazia um diferencial para a instituição. Essa cena nos fez constatar a complexidade dos processos investigados. Podemos acompanhar em que medida a radioescola insere-se em meio à disputa em torno da produção de sentidos dos estudantes e quanto a música assume papel fundamental nessa dinâmica.

Ante tal disputa, acompanhemos processos em que o funcionamento da radioescola são mediados pela Catavento.

### **Processos Marcados pela Mediação da ONG Catavento**

Sobre que tema vocês querem falar no próximo *Antenados*? Essa questão costumava abrir nas reuniões de pauta uma série de debates acerca da possibilidade de assuntos a serem abordados no programa. Naquela reunião, após momentos de discussão, o tema “danças” foi escolhido. A ideia partiu de um dos estudantes e foi acolhida pelos demais. Cabia à ONG avaliar as possibilidades de abordagem e potencializar a produção dos estudantes. Ao fim da reunião, as discussões sinalizaram a viabilidade do tema. No entanto, segundo relatos dos jovens, depois do afastamento da equipe da ONG do espaço da escola, apenas dois dos integrantes da reunião envolveram-se com a produção do programa no período de uma semana, prazo combinado para a revisão do roteiro.

Notamos que a concentração de atividades em poucos estudantes não ocorreu na reunião de pauta anterior, quando, além da Catavento, a mediação de uma professora potencializou a articulação do grupo. O acompanhamento da professora possibilitou que, mesmo com o afastamento da ONG do espaço da escola, um maior número de estudantes permanecesse envolvido nas atividades de produção. O relato de um dos estudantes aponta uma maior divisão de tarefas nessa ocasião: “No programa sobre o bairro da gente, houve divisão de grupos, uma parte foi para a associação dos moradores e outra para o circo-escola” (Depoimento de Roda de Conversa, 2010).

Essa fala aponta ainda a circulação dos grupos produtores em alguns espaços sociais do bairro para a elaboração do programa radiofônico, realizando entrevistas ou enquetes com pessoas da comunidade. Os meninos e meninas percebem esse tipo de atividade como fator claramente relacionado à cidadania e como marcante ao longo das produções do *Antenados*. Assim, Rodrigo descreve a produção de um dos programas cujo tema era o bairro onde vive:

Achei marcante o programa sobre a pesquisa do nosso bairro e falar com pessoas que já vêm da antiga e vêm lutando por melhorias no nosso bairro, sobre os projetos que existem aqui. Achei legal porque conheci boa parte do bairro e sobre a luta que vem da antiga. Sobre a conquista do ônibus, da água que não tinha (Depoimento de Roda de Conversa, 2010).

Esse tipo de depoimento nos permite verificar no campo de pesquisa a perspectiva teórica de Reguillo (2000), segundo a qual a cidadania para os jovens é muito relacionada ao fazer. É o que podemos acompanhar também com a jovem Ana Luísa, que envolveu-se profundamente com a radioescola, pois percebeu ali uma possibilidade de fazer a diferença no cotidiano escolar:

Entrei para tentar fazer algo no colégio, para mexer na rádio, achava muito legal. Para mudar esse negócio de ir para aula e voltar, sem ter nada de diferente, uma música no intervalo, sem ter um tema que você ache interessante. (Depoimento de Roda de Conversa, 2010).

Ao longo da pesquisa de campo, pudemos levantar ainda outros fatores de motivação entre os jovens para a produção de determinados programas. Se em alguns casos esse envolvimento se dava por uma questão de compromisso com o prazo estabelecido pela ONG e com a veiculação na data prevista na Rádio Universitária, em outros casos, a atuação dos estudantes era motivada pelo interesse pessoal em saber mais sobre o assunto. Observamos ainda o envolvimento com determinadas temáticas a partir da tentativa de questionar construções sociais entendidas como naturais. Foi o que ocorreu mais frequentemente em relação aos bairros como temáticas de programas, mas também com relação à temática juventude. Dessa forma, acompanhamos o seguinte relato de Max: “Eu me envolvi muito com o tema juventude, porque era um tema que fazia tempo eu queria que virasse programa. Essa questão jovem é uma coisa interessante, poder dizer que jovem não é só loucura e bagunça, também gostei de falar dos grupos sociais” (Depoimento de Roda de Conversa, 2010).

Em uma das rodas de conversa, durante uma escuta coletiva do programa *Antenados*, buscamos então avaliar a compreensão dos estudantes sobre a mediação da ONG Catavento, bem como identificar as negociações e conflitos que permearam esse processo a partir da questão “se vocês pudessem fazer um programa sobre esse mesmo assunto, para ficar do jeito de vocês, o que mudariam?”.

Max afirma: “Se eu fosse fazer outro programa novamente sobre orientação sexual, eu abordaria de outra forma, faria uma coisa puxada para a juventude... Hoje em dia

vem crescendo o número de bissexuais, de casamento gay... Eu gostaria de falar!” (Depoimento de Roda de Conversa, 2010). Nesse mesmo sentido, o relato de Lorena evidenciou o desejo de tratar novamente o tema juventude, escolhido como assunto de um dos *Antenados*, mas sob aspectos que a inquietavam naquele momento de sua vida:

Quando a gente fez o programa dos jovens, se eu fosse fazer um agora, eu abordava também uma coisa que está “encucando” a minha cabeça e, na época, não estava, seriam escolhas! [...] Agora a gente está com muita pressão, chega no ensino médio, é muita pressão, está na hora de você decidir o que quer para sua vida. [...] Então, assim como eu, muitos estudantes do meu colégio gostariam de ouvir sobre essa questão de escolhas (Depoimento de Roda de Conversa, 2010).

Verificamos ainda em relatos indicações de que a mediação da ONG faz com que os estudantes escrevam os roteiros de maneira mais formal do que fariam sem a mediação. Nesse sentido, em uma das rodas de conversa, Max diz que se pudesse alterar o programa ouvido “deixava mais dinâmico, mais extrovertido. A gente ficava um pouco preso porque tinha que agradar vários tipos de público. A gente não podia falar como fala no dia-a-dia. Era uma linguagem mais oficializada” (Depoimento de Roda de Conversa, 2010).

Em outra roda, a questão sobre o que gostariam de mudar no programa ouvido aborda a importância da escolha do tema envolver processos democráticos. A referência ao humor repete-se. Além disso, identificamos nas trocas de ideias entre Ana Luísa, Gabriel e Ana Clara amplas referências à cultura de massa:

– O *Antenados*... Primeiro o que achei interessante é que a gente escolhia o tema, então, isso já é uma forma de você ter direito de votar, de escolha. Se fosse para mudar, eu ia colocar temas com mais dinâmica ainda, com mais... Fazer algo diferente, esse diferencial é ter humor, ter um pouco de *break*, de *hip hop*, daquilo que as pessoas gostam de ouvir, porque eu não vou ouvir sozinha. Colocar também... As músicas... Eram legais porque a gente escolhia no *Antenados*.

– A gente poderia colocar coisa mais atual, estou falando música... tipo *Lady Gaga*.

– Uma coisa que podia fazer era falar sobre estrelas e astros. O que tem na internet de interessante? Algo que chame atenção mesmo das pessoas. Porque não é todo mundo que escuta rádio (Depoimentos de Rodas de Conversa, 2010).

Diante dos relatos dos estudantes, analisamos que tanto professores de escolas como militantes de movimentos ligados à juventude enfrentam um grande desafio: não ignorar a fala desses sujeitos, uma vez que facilmente ONGs, educadores e militantes

assumem um papel de delegados ou de mandatários da palavra. O desafio é desnaturalizar a vinculação entre a menoridade e a impossibilidade de falar (SODRÉ, 2005). As questões dos estudantes sobre a música e o humor nos mostram quanto a comunicação em relação à educação, mediada por professores, instituições governamentais e não governamentais, ainda se preocupa com uma espécie de justa medida entre conteúdos educativos e a cultura de massa.

Cicilia Peruzzo (1998) observa que a comunicação popular – e incluiríamos também a comunicação com ênfase na educação, como a rádioescola ou o jornal escolar<sup>8</sup> – tendeu a repudiar a mídia massiva, o que talvez tenha até influenciado a elaboração de uma comunicação não tão atraente, que atribui um espaço e um valor muito reduzido ao entretenimento, ao lazer, às amenidades, ao humor e ao lúdico.

Como forma de propor alternativas a tal contexto, Kaplún (1978) apresenta a ideia de “educação permanente”, ou seja, a educação é um processo permanente, que não ocorre apenas na escola, mas em uma série de situações e estímulos vividos pelas pessoas. Ora, se a educação é processo permanente, não há sentido a separação entre o que é educativo e o que é entretenimento nos meios de comunicação.

### **Considerações finais**

O acompanhamento de práticas e experiências juvenis em processos de produção e circulação de conteúdos, bem como de gestão de rádioescolas em quatro instituições de ensino público municipal confirmaram a importância da ênfase na escuta das percepções dos jovens sobre os processos vivenciados, ainda mais quando projetos e ações de instituições são voltados para eles.

A pesquisa partiu da compreensão de que os processos comunicacionais são formados por sujeitos interlocutores em meio à complexidade de discursos, contextos sociais e culturais – processos marcados por negociações e conflitos. Daí a contribuição deste artigo foi a de escutar os sujeitos da pesquisa a respeito de seu entendimento sobre si a partir de suas inserções nesses processos.

As percepções expostas nos fazem concordar com Reguillo (2000), que destaca quanto o conceito cidadania para os jovens está relacionado à dimensão do fazer. A maioria das referências à cidadania por parte dos jovens sujeitos desta pesquisa apresentou forte

---

<sup>8</sup>Essa tensão entre o desejo dos estudantes de pautar temas ligados à cultura massiva e o direcionamento contrário de professores e oficinairos está presente, por exemplo, nas experiências de jornal escolar desenvolvida pela ONG Comunicação e Cultura nas escolas públicas do Ceará. A esse respeito ver BARBALHO; SOUSA (2010; 2011).

vinculação com o bairro, com a escola, com projetos desenvolvidos por instituições governamentais e não governamentais. Esse fator nos apontou como os jovens consideram importante contar com apoio e estímulo para o exercício da cidadania.

Na pesquisa descobrimos o cuidado com os equipamentos, mesmo diante de seu não funcionamento, por parte dos estudantes que iam limpar a rádio; a apreensão diante da saída da escola, entre outros fatores, por conta também da rádio; o ânimo ao perceber na radioescola possibilidades de mudanças. Essas descobertas, entre outras, apontaram a radioescola como exploração de algo desconhecido, novo, como experiência do fazer. Mesmo que análises posteriores identifiquem que esses processos configuram-se como transitórios, os grupos exercitaram a difícil questão colocada por Mouffe (2009; 2001; 1996) sobre o equilíbrio entre projetos individuais e interesses em comum, por isso comprometeram-se e compartilharam.

Acreditamos que a observação das práticas radiofônicas descritas, a escuta e a análise das percepções dos jovens estudantes sobre os processos vividos nos permitem olhar em direção a possibilidades amplamente favoráveis à participação e à expressão na interface entre comunicação, educação e cidadania.

### Referências Bibliográficas

ALVES, P. H.; MACHADO, E. S. EducomRádio.Centro-Oeste, uma política pública, rumo à autonomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 29., 2006, Distrito Federal. **Anais...** Distrito Federal: Intercom, 2006. p. 1-11.

BARBALHO, A. Cidadania, minorias e mídia ou Algumas questões postas ao liberalismo. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 27-39.

\_\_\_\_\_; SOUSA, A. Jornalismo estudantil: construindo e disputando espaços públicos na escola. In: BARBALHO, A.; FUSER, B.; COGO, D. (org.). **Comunicação e cidadania: questões contemporâneas**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2011. p. 157-176.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Tensões e mediações no jornalismo estudantil: a experiência do projeto Clube do Jornal. In: BARBALHO, A.; FUSER, B.; COGO, D. (org.). **Comunicação para a cidadania: temas e aportes teórico-metodológicos**. São Paulo: Intercom, 2010. p. 131-148.

\_\_\_\_\_; CAMPOS, T. Q. M. Juventude, Radioescola e Cidadania: apontamentos teórico-metodológicos. **Comunicação & Educação**, ano XVII, numero 2, julho-dezembro de 2012.

CAMPOS, T. Q. M. **Entre letras e músicas: Experiências juvenis em radioescolas de Fortaleza.** 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

COGO, D. M. **No ar... uma rádio comunitária.** São Paulo: Paulinas, 1998.

DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a construção da democracia no Brasil: Tendências recentes. **Journal of Iberian and Latin America studies**, Canberra, v. 1, n. 7, p. 75-104, July, 2001.

GORCZEVSKI, D. **Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre.** 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

KAPLÚN, M. **Producción de programas de radio: el guión – la realización.** Madrid: Ediciones de la Torre, 1978.

MOUFFE, C. O. **The democratic paradox.** Londres, Nova Iorque: Verso, 2009.

\_\_\_\_\_. Identidade democrática e política pluralista. In: MENDES, C. (Coord.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização.** Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 410-430.

\_\_\_\_\_. **O Regresso do Político.** Lisboa: Gradiva, 1996.

OLIVEIRA, C. T. F. de et al. Comunicação, educação e cultura na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-15.

PAOLI, M. C.; TELLES, V. S. Direitos sociais: conflitos e negociações no Brasil contemporâneo. In: ALVAREZ, S. E.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. cap. 3, p. 103-148.

PERUZZO, C. M. K. **A Comunicação nos movimentos populares: participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998.

PRYSTHON, A. Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Org.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005. p. 99-113.

---

REGUILLO, R. **Emergencia de culturas juveniles**: estrategias del desencanto. Bogotá: Norma, 2000.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

TAYLOR, C. A política de reconhecimento. In: \_\_\_\_\_. **Multiculturalismo**: examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. p. 45-94.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.